



Linhas Críticas

ISSN: 1516-4896

rvlinhas@unb.br

Universidade de Brasília

Brasil

Valdivino Silva, Maria Gilvania; Tomizaki, Kimi Aparecida
O sonho de ser metalúrgico: dimensões da vivência juvenil no ABC Paulista
Linhas Críticas, vol. 22, núm. 47, enero-abril, 2016, pp. 86-109
Universidade de Brasília
Brasília, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193549427006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O sonho de ser metalúrgico: dimensões da vivência juvenil no ABC Paulista

Maria Gilvania Valdivino Silva

Kimi Aparecida Tomizaki

Universidade de São Paulo (USP)

Este artigo, que se insere no campo da Sociologia da Educação e das Gerações, tem por objetivo discutir a experiência juvenil em um bairro popular de São Bernardo do Campo, fortemente afetado pelas transformações ocorridas no mercado de trabalho na região do ABC Paulista. A metodologia utilizada foi essencialmente qualitativa, desenvolvida por meio de observações de campo e entrevistas de caráter biográfico, realizadas com membros das famílias (pais e filhos) e diferentes lideranças do bairro. Concluímos que a socialização desses jovens foi fortemente voltada para o trabalho, sobretudo o “ideal do trabalho metalúrgico”, o que influenciou seus investimentos educacionais e o modo como eles e suas famílias concebem seus projetos de futuro.

Palavras-chave: Jovens. Gerações. Trabalho. ABC Paulista.

The dream of being a metal worker: dimensions of youth experience in the industrial region of ABC Paulista

This article, which fall within the field of Sociology of Education and the Generations, aims to discuss the youth experience in a poor neighborhood of São Bernardo do Campo, strongly affected by changes occurring in the labor market in the ABC Paulista region. The methodology used was essentially qualitative, developed through field observations and biographical interviews, conducted with family members (parents and children) and different leaders of the neighborhood. We conclude that the socialization of these young people was strongly focused on the job, especially around the "ideal metallurgical work", which influenced their educational investments and how they and their families conceive their future projects.

Keywords: Youngsters. Generations. Work. ABC Paulista. Labor.

El sueño de ser trabajador metalúrgico: dimensiones de la experiencia juvenil del cinturón industrial del ABC Paulista

Este artículo, que entra en el campo de la sociología de la educación y de las generaciones, tiene como objetivo discutir la experiencia de los jóvenes en un barrio pobre de São Bernardo do Campo, fuertemente afectada por los cambios que se producen en el mercado laboral en la región del ABC Paulista. La metodología utilizada fue esencialmente cualitativa, desarrollada a través de observaciones de campo y entrevistas biográficas, realizada con miembros de la familia (padres e hijos) y diferentes líderes del barrio. Llegamos a la conclusión de que la socialización de los jóvenes se ha centrado fuertemente en trabajo, especialmente alrededor del "ideal del trabajo metalúrgico", que influyó en sus inversiones en educación y cómo ellos y sus familias conciben sus proyectos futuros.

Palabras clave: Juventud. Generaciones. Trabajo. ABC Paulista.

Apresentação

Desde os anos 1990, a região do ABC Paulista vem passando por uma série de transformações diretamente ligadas à reorganização de seu mercado de trabalho, cujas consequências mais evidentes foram a diminuição de postos de trabalho no setor industrial e o aumento de exigência em relação ao nível de escolaridade e qualificação profissional dos trabalhadores. Tais alterações impactaram violentamente essa região, cujos moradores são, desde o final dos anos 1950, majoritariamente empregados pelo setor metalúrgico. Neste artigo, pretendemos discutir como essas mudanças afetaram o modo como os jovens de um bairro popular de São Bernardo do Campo e suas famílias concebem e organizam seus projetos de futuro profissional e seus investimentos em escolarização e qualificação profissional. Mais especificamente, discutiremos um aspecto particular da vivência juvenil: a preparação, a inserção e as vivências iniciais no mercado de trabalho na articulação com a trajetória social e profissional da família, em especial dos pais. A discussão que realizaremos apoia-se nos resultados de uma pesquisa de mestrado defendida em 2012, cuja coleta de dados desenvolveu-se ao longo de um ano por meio de 15 entrevistas com jovens e seus pais, em quatro núcleos familiares do bairro, e também contou com entrevistas complementares e observações nas casas e nos locais de grande circulação do bairro.¹

A metodologia utilizada foi essencialmente qualitativa, por meio das técnicas de observação e entrevistas. Os procedimentos metodológicos foram mobilizados em diferentes etapas e a primeira delas foi a observação direta e, por vezes, participativa em espaços associativos (igreja, escola, associações comunitárias) e em alguns domicílios do bairro. A partir da realização dessa primeira etapa, foi possível apreender elementos do cotidiano do bairro e selecionar as famílias que poderiam ser entrevistadas. As entrevistas, de caráter biográfico, foram gravadas e posteriormente transcritas para a análise, na qual foram tratadas como relatos de vida (POUPART et al., 2008; BERTAUX, 1997; BALANDIER, 1983; BOURDIEU, 1996).

Ferrazópolis é um bairro de tradição operária, que sofreu intensas transformações ao longo das últimas duas décadas e, atualmente, pode ser caracterizado como um entre muitos bairros pobres existentes nas cidades da Região Metropolitana de São Paulo. Entretanto, esse bairro guarda peculiaridades ligadas à sua origem operária cujo *ethos*² ainda influencia os modos como seus moradores relacionam-se com

1 Trata-se da dissertação de mestrado de Maria Gilvania Valdivino Silva, intitulada “Experiências de socialização: o caso de famílias de trabalhadores no bairro Ferrazópolis em São Bernardo do Campo”, orientada pela professora Kimi Tomizaki no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE/USP).

2 Os usos do conceito de *ethos*, neste artigo, estão associados à obra de Pierre Bourdieu; portanto, designam uma dimensão do *habitus*, noção que, retrabalhada na obra desse autor em relação às suas origens aristotélico-tomistas,

o trabalho. De modo sumário, poderíamos dizer que as famílias de Ferrazópolis, em sua maioria, concebem o trabalho no setor metalúrgico, em especial nas montadoras de automóveis, como o “trabalho ideal”, que deve ser perseguido para que se alcance a necessária estabilidade econômica e o *status* social desejado. No entanto, os jovens desse bairro encontram enormes dificuldades para se inserir nesse setor da indústria. Assim como seus pais também não puderam sustentar seus postos de trabalho e foram demitidos das empresas metalúrgicas ao longo dos anos 1990, sob o pretexto de que não possuíam escolaridade nem qualificação técnica necessárias às exigências impostas pela chamada “reestruturação produtiva”, que pode ser definida, *grosso modo*, como uma conjugação de inovações tecnológicas e organizacionais que começaram a ser introduzidas no Brasil a partir da década de 1970, mas que adquiriram maior importância ao longo dos anos 1990. No que tange à dimensão organizacional, tratam-se de mudanças que buscam superar os limites do fordismo e do taylorismo, tomando por base as experiências desenvolvidas no Japão pela Toyota.³ Evidentemente, os mecanismos de culpabilização individual do desempregado, como o argumento da ausência de escolaridade e qualificação, camuflam o fato de que se trata de um fenômeno estrutural, que no caso da região do ABC Paulista manifestou-se concretamente, ao longo dos anos 1990, na extinção de mais de 40 mil postos de trabalho.

A expulsão desses pais do setor industrial teve um significativo impacto sobre o desenvolvimento das possibilidades de profissionalização de seus filhos, visto que o empobrecimento das famílias – em função do desemprego dos pais e da posterior realocação no setor de serviços ou do trabalho informal – limitou seus investimentos em educação e formação profissional para as novas gerações. Essas circunstâncias criaram uma espécie de círculo vicioso, no qual os filhos não conseguem acessar o mercado de trabalho industrial, especialmente o setor metalúrgico, pelos mesmos motivos que seus pais perderam suas posições como operários. E as duas gerações vivenciam essa situação, objetiva e subjetivamente, como signo de um processo de declínio social que precisa ser superado. Vale destacar que, apesar de a maioria dos habitantes de Ferrazópolis não pertencer mais à categoria metalúrgica, de acordo com os dados da pesquisa, parcela significativa ainda se identifica fortemente com os valores, os modos de vida e as opções políticas dos “metalúrgicos do ABC” ou do que supostamente se imagina deles, o que faz com que os jovens do bairro vivam sob a “sombra do ideal do trabalho metalúrgico” como referência absoluta a ser alcançada.

desempenha o papel de mediação entre o individual e o social, referindo-se a uma subjetividade socializada, que contribuiu, por sua vez, para constituir e reconstituir o próprio mundo social objetivo que a envolve, visto que é mobilizada na produção das práticas dos indivíduos. O *habitus* é constituído de três dimensões: a cognitiva (*eidós*); a corpóreo-afetiva (*hexis*) e a normativa (*ethos*). Assim, o *ethos* diz respeito à dimensão valorativa e moral que orienta as ações práticas dos grupos no interior do mundo social (BOURDIEU, 1992; 2009).

3 De maneira geral, os estudos mostram que a introdução dessas inovações, tanto organizacionais quanto tecnológicas, nas empresas brasileiras tem sido marcada pela segmentação e heterogeneidade (HIRATA, 1993; CORIAT, 1995; TUMOLO, 2001).

Nesse sentido, este artigo, para além de analisar um caso específico da relação entre jovens e o trabalho, pretende também contribuir para o adensamento da discussão em torno das possibilidades e/ou dos limites da reprodução dos grupos operários diante da tendência mundial de diminuição de empregos no setor industrial, justamente em um momento em que novas gerações conseguem alongar sua escolarização e criam outras expectativas em termos de futuro profissional, em geral voltadas à superação da condição operária (BEAUD; PIALOUX, 1999; 2003; BEAUD, 2003; TOMIZAKI, 2013). Nossa contribuição localiza-se na análise desse “caso” que foge ao foco da relação entre diferentes gerações de operários e suas contradições, tendo em vista discutir os contraditórios efeitos intergeracionais vivenciados em grupos familiares cujos pais foram eliminados do setor industrial e vivenciaram um processo de declínio econômico, social e simbólico, mantendo, apesar de tudo, uma estreita relação subjetiva com a condição operária.

Ferrazópolis: uma aproximação do campo da pesquisa

A região conhecida como ABC Paulista,⁴ que desde o início do século XX já constituía o maior subúrbio industrial da grande São Paulo, ganhou notoriedade no cenário nacional a partir dos anos 1950, período de importante expansão industrial no Brasil e da instalação das montadoras de automóveis na região, o que redundou em uma enorme demanda de mão de obra para as fábricas recém-inauguradas e um intenso processo migratório. Consequentemente, ocorreu também uma explosão demográfica na região entre 1950 e 1980, cuja população saltou de 504.416, em 1960, para 1.652.781, em 1980, sem que isso tenha conduzido a investimentos mínimos em infraestrutura para receber os “novos trabalhadores” (SADER, 1988; PEREIRA NETO, 2009; NEGRO, 2004a; 2004b; SAYAD, 1998; 1999).

Nesse sentido, poderíamos dizer que, entre os anos 1950 e 1980 a necessidade de mão de obra para as fábricas do ABC Paulista foi traduzida como oportunidade de trabalho e mobilidade socioeconômica para um enorme contingente de trabalhadores rurais (TOMIZAKI, 2007). Assim, as cidades da região passaram a crescer rapidamente, invariavelmente de forma desorganizada e sem planejamento. De modo geral, o que impulsionava o crescimento das novas periferias na região da grande São Paulo era a busca dos trabalhadores por um local de moradia em que não fosse necessário arcar com aluguel; porém, isso os direcionava a locais mais afastados das regiões centrais ou “menos equipados”, ou seja, sem infraestrutura mínima: ausência de ruas asfaltadas, saneamento básico, energia elétrica, água

4 A região conhecida como ABC Paulista é formada pelos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, totalizando, em 2014, 2,7 milhões de habitantes.

encanada e aparelhos do Estado, tais como escolas e creches ou postos de saúde (SADER, 1988; SPOSITO, 2010).

Ferrazópolis começou a ser oficialmente loteado como bairro residencial no ano de 1972, e por conta de sua proximidade com empresas do setor metalúrgico, sobretudo Volkswagen e Brastemp, reuniu rapidamente uma população significativa de trabalhadores metalúrgicos (SÃO PAULO, 1987). Ao longo dos anos de desenvolvimento do bairro até meados dos anos 1980, houve a formação de uma importante rede de solidariedade entre os moradores, que se forjou em torno de determinadas experiências partilhadas por todos, tais como a migração, o ingresso no mercado de trabalho industrial e a vivência cotidiana das condições precárias do bairro. Tal rede envolvia a vida privada e coletiva destas famílias. Assim, de um lado, temos os movimentos coletivos de bairro, que lutavam pelo acesso a direitos mínimos para a comunidade, tais como urbanização, saúde e educação, cujo exemplo importante é a primeira associação de moradores do bairro, fundada já em 1975. E, de outro lado, a partir do período das “grandes greves” (1978-1981), destaca-se uma rede de comunicação e apoio informal entre os vizinhos, especialmente entre as mulheres, que promovia a ajuda mútua entre os moradores, atuando, por exemplo, na sustentação de greves, na procura por emprego ou no cuidado coletivo das crianças. Há que se destacar, ainda, no processo de constituição de tais redes de solidariedade, o destacado papel da Igreja Católica, tanto na assistência às famílias quanto no apoio político ao movimento operário (PEREIRA, 2012).

Embora tenha surgido como um bairro operário e sua população tivesse em comum uma série de experiências relacionadas com a migração para o ABC, o ingresso e a vivência no mercado de trabalho industrial, Ferrazópolis nunca foi uma comunidade homogênea, o que pode ser atestado pela diversidade dos tipos de moradias, que vão desde casas de alvenaria em ruas asfaltadas até barracos em favelas, situadas nos morros que também fazem parte do bairro. Essas diferenças nos levaram a estabelecer uma divisão do bairro em três zonas: a primeira dessas zonas localiza-se na parte mais baixa, em que estão as “melhores” casas – trata-se de uma região completamente urbanizada, com algumas poucas casas ainda inacabadas. A paisagem altera-se à medida que se sobe as ladeiras do bairro, que culminam em morros: a segunda zona do bairro é formada por casas bem menores e mais simples, com muitas obras inacabadas por dentro e por fora, o que seria classificado pelos órgãos públicos como favelas “semiurbanizadas”. Subindo ainda mais os morros, encontramos, finalmente, a terceira zona do bairro: constituída por favelas, predominantemente formadas por vielas sem asfalto, cujas moradias são marcadas pela precariedade das construções. A formação de favelas ou assentamento precários⁵ no bairro

5 São assentamentos precários os domicílios com carência em aspectos como: ausência de rede de água e esgoto ou fossa séptica canalizada para o domicílio; ausência de banheiro de uso exclusivo para o domicílio; construções (teto e paredes) feitas em material não permanente; mais de três pessoas residentes por cômodo servindo de dormitório; aglomeração subnormal; e, por fim, o que é caracterizado como irregularidade fundiária urbana, ou seja, moradias construídas em propriedades de terceiros ou em área de invasão (IBGE, 2010).

remonta ao início dos anos 1980, o que contribuiu para um aumento considerável do número de habitantes em um curto período de tempo. Atualmente, a população de Ferrazópolis atinge a marca de 41.313 habitantes, dos quais 70,5% têm renda de até dois salários mínimos, conforme tabela 1.

Tabela 1

Bairro Ferrazópolis: Rendimento nominal mensal – População (10 anos e mais) por classes de rendimento nominal mensal (em salários mínimos)

Salários mínimos	População com rendimento	(%)
Até ½	493	2,3
Mais de ½ a 1	4.865	22,5
Mais de 1 a 2	9.867	45,7
Mais de 2 a 3	3.334	15,4
Mais de 3 a 5	2.185	10,1
Mais de 5 a 10	755	3,5
Mais de 10 a 15	54	0,3
Mais de 15 a 20	24	0,1
Mais de 20	18	0,1
Total	21.595	100,0
População sem rendimento	13.960	

Fonte: São Paulo (2010).

Como dito anteriormente, o surgimento e o desenvolvimento de Ferrazópolis estão intimamente ligados à ampliação das instalações das indústrias automobilísticas e ao aumento dos postos de trabalho na região do ABC. Entretanto, os anos 1990 foram marcados por significativas alterações na dinâmica do bairro, tributárias, em grande medida, das mudanças nas ocupações dos seus habitantes, atingidos pela reorganização do mercado de trabalho e diminuição de empregos no setor industrial. Tais alterações tiveram forte impacto sobre toda região e, conseqüentemente, também sobre Ferrazópolis, que, pela primeira vez, desde sua formação, deixou de ser majoritariamente um bairro operário.

Para compreender as transformações ocorridas no bairro, é necessário distinguir duas fases de um mesmo processo: em um primeiro momento, entre os anos 1980 e meados dos anos 1990, uma parcela dos moradores metalúrgicos, principalmente aqueles empregados nas empresas de grande porte, como montadoras de automóveis, ascendeu social e profissionalmente e, alcançando melhores salários, pôde se mudar para bairros de classe média, em regiões “mais nobres” de São Bernardo do Campo, de modo que os trabalhadores metalúrgicos que continuaram em Ferrazópolis depois dessa fase, em geral, eram empregados em fábricas de médio e pequeno portes e tinham menor escolaridade e formação profissional, em comparação com aqueles que puderam deixar o bairro. Ao longo dos anos 1990,

quando uma redução drástica do número de postos de trabalho – consequência mais aparente e concreta da reestruturação produtiva – tornou-se o maior problema da região do ABC Paulista, os trabalhadores mais “vulneráveis”, ou seja, aqueles com poucas credenciais escolares e profissionalizantes, foram muito mais atingidos, o que, no caso de Ferrazópolis, significou praticamente o fim da condição operária do bairro. Desempregados e sem os “recursos” necessários para continuar a disputar um posto de trabalho como metalúrgicos, muitos moradores de Ferrazópolis passaram a se dedicar ao trabalho informal ou se inseriram no setor de serviços, o que, por sua vez, teve um impacto imediato e profundo sobre a formação escolar e profissional de seus filhos, bem como sobre as (im)possibilidades de projetar seus futuros profissionais. Vale ressaltar que a necessidade de possuir níveis de escolaridade cada vez mais altos é um ponto-chave na definição das expectativas e dos destinos dos jovens do ABC, principalmente depois dos anos 1990, assim como constitui também um elemento fundamental para a compreensão das contradições e dos conflitos vivenciados entre pais e filhos operários no mundo todo (RAMALHO; RODRIGUES, 2007; BEAUD; PIALOUX, 1999; BAUDELLOT, 2004; TOMIZAKI, 2006).

Atualmente, apesar dos esforços das famílias na valorização da formação escolar e profissional, a maioria dos jovens de Ferrazópolis não possui as credenciais mínimas exigidas para o ingresso como trabalhador no setor metalúrgico: o ensino médio completo e a formação no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), preferencialmente em cursos de média e longa duração. O entrave para a realização de cursos no Senai é seu exame de seleção, em geral muito concorrido e para o qual os jovens do ABC com mais recursos preparam-se por meio de “cursinhos” privados (também fundamentais no acesso às escolas técnicas estaduais), dos quais os jovens de Ferrazópolis estão, de antemão, excluídos. A maioria dos jovens entrevistados tem apenas o ensino médio completo; alguns realizaram, com auxílio da família, investimentos em cursos profissionalizantes em escolas particulares com diplomas menos valorizados ou realizaram cursos gratuitos de inserção no mercado de trabalho voltados para a população de baixa renda. Deste modo, embora tenham superado em muito seus pais em termos de aquisição de certificados e alongamento da escolarização, em função das mudanças nas exigências do mercado de trabalho do ABC Paulista, esses jovens possuem menores chances do que a geração anterior de se inserir em postos de trabalho no setor metalúrgico.

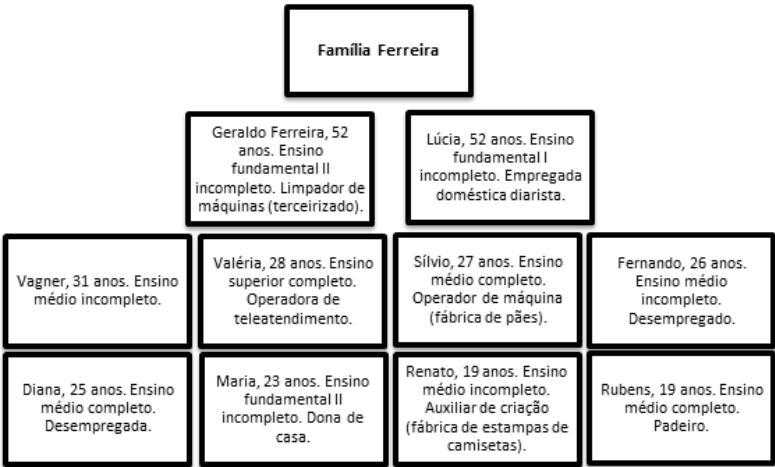
Os jovens de Ferrazópolis sob a sombra do passado profissional dos pais

“Se eu pudesse escolher, eu queria que meus filhos fossem todos metalúrgicos, até as meninas, mas sei que para elas é mais difícil. Adoraria que cada um deles fosse metalúrgico porque ser metalúrgico é muito bom, minha fia! O metalúrgico ele é visto, em qualquer lugar ele é visto! Ele sabe lutar pelos seus direitos” (Geraldo, pai).

Muitas das experiências de precariedade, privações e dificuldades vividas pelos jovens de Ferrazópolis são comuns a situações vividas diariamente pela maioria dos jovens de periferia das grandes cidades brasileiras (MARTINS, 1997; 2001; GOMES, 1997). Porém, nesse caso, os jovens convivem com uma dimensão pouco comum: as tradições de um bairro originalmente operário, em outras palavras, a “sombra” da supervalorização do trabalho de seus pais na indústria metalúrgica e os efeitos da socialização realizada nesse contexto. Esse conjunto de fatores são determinantes para que esses jovens concebam o trabalho metalúrgico como o “trabalho ideal”.

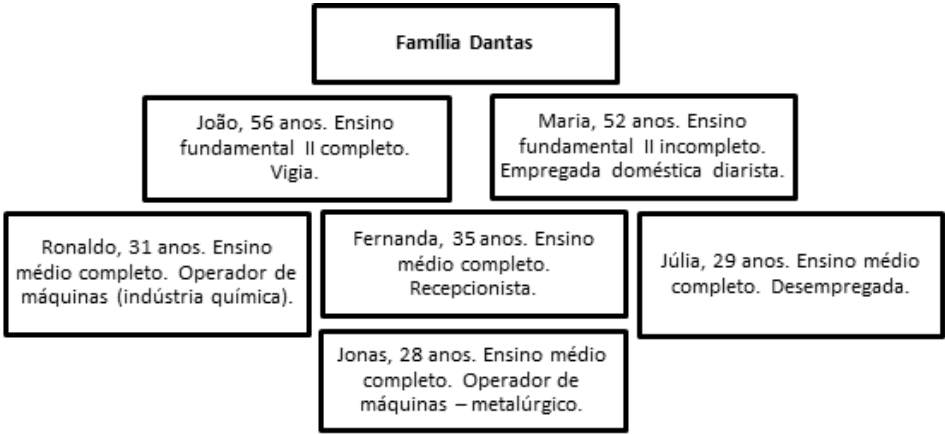
Para realizar tal discussão neste artigo, nossa opção metodológica foi a de apresentar a trajetória de um jovem, Rubens Ferreira,⁶ em diálogo com dados e trechos dos depoimentos de três outros jovens de dois dos núcleos familiares entrevistados (Valéria, Renato e Jonas). A seguir apresentamos estes dois núcleos familiares e, na sequência, os quadros com as sínteses das trajetórias dos jovens, cujas idades apresentadas referem-se ao momento da entrevista.

FIGURA 1
FAMÍLIA FERREIRA



6 Todos os nomes são fictícios para preservar o anonimato dos depoentes.

FIGURA 2
FAMÍLIA DANTAS



QUADRO 1
RUBENS FERREIRA

Rubens Ferreira, de 19 anos, é filho de Geraldo e Lúcia, irmão gêmeo de Renato. Teve escolaridade regular, sempre em escolas do bairro. Concluiu o ensino médio e fez formação profissional no Centro de Formação e Inserção Social (Camp), que promove inserção de “menores carentes” no mercado de trabalho, por meio da oferta de cursos voltados para o setor administrativo de empresas. Ao final do curso, Rubens foi selecionado para um estágio remunerado na montadora de origem japonesa Toyota, na cidade de São Bernardo do Campo. Apesar da alegria por conseguir estagiar em uma “firma grande”, o jovem sentia-se frustrado por trabalhar no setor administrativo, uma vez que preferia ser “peão”. Ao término do contrato de estágio do Camp com a Toyota, o jovem não foi efetivado na empresa porque havia sido reprovado no último ano do ensino médio, nível de escolaridade mínimo exigido pela montadora para contratação de qualquer funcionário. Após ter concluído o ensino médio, esperava poder participar de um novo processo seletivo na Toyota e realizar seu desejo de ser operário naquela empresa. Enquanto aguardava uma nova oportunidade, trabalhava em um emprego temporário e informal em uma padaria do bairro.

QUADRO 2

RENATO FERREIRA

Renato Ferreira, de 19 anos, e seu irmão gêmeo, Rubens, beneficiaram-se de mais investimentos em educação do que os demais irmãos por serem os caçulas e poderem, inclusive, contar com a ajuda dos irmãos mais velhos. Apesar disso, ainda se tratam de investimentos bastante limitados. Renato, como seu irmão, sempre estudou em escolas públicas do bairro, mas não chegou a concluir o ensino médio, desistindo da escola no segundo ano desse nível de ensino. Ao final da oitava série esse jovem fez várias tentativas de inserção em cursos profissionalizantes, sempre sem sucesso, sendo reprovado nos processos seletivos da Escola Técnica Estadual (Etec), do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e da Fundação Termomecânica (Cefsa). Assim como seu irmão, ele cursou o Centro de Formação e Inserção Social (Camp) e, ao final, foi indicado para um estágio remunerado em uma empresa de telemarketing, experiência que o frustrou profundamente, visto que seu objetivo era entrar em uma “firma grande”, metalúrgica de preferência. No momento da entrevista, Renato estava trabalhando em uma pequena oficina de estampas de camisetas e lamentava muito as dificuldades para concluir o ensino médio, por não conseguir conciliar as exigências do trabalho e da escola.

QUADRO 3

VALÉRIA FERREIRA

Valéria Ferreira, 28 anos, é a filha mais velha de Geraldo e Lúcia. Sua escolarização foi irregular e marcada por repetências e desistências. Concluiu o ensino médio aos 20 anos, em uma escola pública de outro bairro, que oferecia aulas noturnas para jovens e adultos (Educação de Jovens e Adultos – EJA). Valéria sempre foi responsável por cuidar da casa e dos irmãos na ausência da mãe, que trabalhava fora, o que ela aponta como um sério obstáculo para seu sucesso escolar. Trabalha fora de casa desde a adolescência, realizando tarefas domésticas esporádicas para as tias e algumas vizinhas. Atualmente é a única entre os oito filhos na família Ferreira que cursou ensino superior – Gestão Ambiental em nível tecnológico – em uma universidade particular em São Bernardo do Campo. No momento da entrevista ela trabalhava em uma seguradora, atendendo clientes por telefone.

QUADRO 4

JONAS DANTAS

Jonas Dantas, filho de João e Maria, de 28 anos, nasceu em Ferrazópolis e possui ensino médio completo, todo cursado em escolas públicas do bairro. É casado e mora em uma casa construída no mesmo terreno da casa dos pais. É metalúrgico desde 2007, em uma fábrica de autopeças. Para além de melhores salários, Jonas acredita que trabalhar como metalúrgico no ABC Paulista significa a garantia de acesso aos direitos trabalhistas em sua plenitude, bem como a benefícios, como plano de saúde.

Rubens tem 19 anos, nasceu no ABC Paulista e é caçula de uma família de oito irmãos. Sua família chegou ao bairro em 1987, para morar em um barraco de madeira construído no terreno recém-adquirido pelo pai, Geraldo, que juntara dinheiro e conseguira comprar o terreno na nova ocupação que se formava em Ferrazópolis, o chamado Jardim Limpão. A compra deste terreno significava a possibilidade de se estabelecer em uma moradia fixa com a família, que já contava com cinco filhos, mesmo que em uma região de lotes irregulares. Era o que se podia comprar e essa aquisição representou, ainda que em condições muito precárias, a materialização de um grande sonho de Geraldo e sua família: a casa própria e o fim dos gastos com aluguel. (WOORTMAN, 1982; KOWARICK, 1979; 2007).

Os gêmeos, Rubens e Renato, nasceram cinco anos depois da chegada a Ferrazópolis. Quando isso ocorreu, a família não morava mais em uma construção precária de madeira: a casa de alvenaria, com quatro cômodos e laje já havia sido construída, assim como já existiam muitas outras casas no bairro que, inicialmente, também eram barracos. Mesmo assim, as condições de moradia e infraestrutura do bairro não poderiam ser consideradas satisfatórias, principalmente nas favelas em que ainda faltava muito para se alcançar as condições mínimas para uma vida com dignidade. Os relatos dos jovens remetem às dificuldades impostas pela precariedade generalizada do bairro.

“Eu não gostava de sair de casa. O caminho para a creche era feio também, mato, barro, terra. O primeiro dia de aula, nossa! Eu chorei muito e eu grudei na minha mãe. A mãe e a minha irmã foram me levar. Eu e meu irmão estávamos chorando, chovia muito, e a gente no mato, aí a gente caiu! A gente estava atrasado, e quanto mais atrasado, mais a gente caía. Não tinha asfalto, tudo mato, tudo capim, barro... não tinha nada!” (Rubens).

Outra dificuldade da infância desses jovens guarda relação com a ausência dos pais, que precisavam trabalhar e, no caso do pai, havia também as ausências decorrentes da militância política. Em alguns relatos dos jovens entrevistados fica evidente uma espécie de mágoa ou ressentimento em relação à ausência dos pais no cotidiano familiar, sobretudo por conta da dedicação destes à militância política no interior do sindicato da categoria metalúrgica e no Partido dos Trabalhadores (PT). De acordo com Muxel (2008), questões íntimas e afetivas estão diretamente relacionadas com a maneira como os indivíduos constroem sua “personalidade política”; neste sentido, podemos inferir que esse sentimento parece ter influenciado, de algum modo, os posicionamentos de recusa e aversão a questões de ordem política declarados pelos jovens entrevistados.

Como é apontado em outros estudos que tematizam a dinâmica de distribuição de tarefas entre famílias pobres urbanas, o encargo do cuidado dos mais novos e das tarefas domésticas recai sobre os filhos mais velhos, em especial sobre as meninas (ZALUAR, 1994; SARTI, 2003; CARVALHO; SENKVIC; LOGES, 2014).

“Bom, eu lembro um pouquinho de quando era pequeno. Minha família é muito grande, né? Oito irmãos, sete irmãos. Minha mãe saía para trabalhar com meu pai, geralmente eu ficava com meus irmãos e meu pai, como ele era lá do sindicato, né? Eu via pouco ele, às vezes ele ficava muito lá no sindicato e aí, às vezes, quando ele chegava eu estava dormindo e eu passava o dia inteiro com os meus irmãos. Meus irmãos mais velhos cuidavam de mim, né? Teve um certo tempo que a irmã mais velha ela passou a correr atrás de estudo, essas coisas, e eu passei a ficar com os outros irmãos, os mais novos que ela. [...] E minha mãe trabalhando, era doméstica e ela saía cedo e chegava tarde e eu via ela pouco também, normalmente quando ela saía eu também estava dormindo” (Rubens).

“Bom, para começar, queria dizer que meu pai vivia muito fora de casa. Ele passava muito tempo com os amigos dele no sindicato, com os outros trabalhadores. [...] Eu não vou falar que meu pai era ausente... Ele era um pouco porque ele trabalhava muito, né? [...] Eu ficava com meus irmãos, eles cuidavam de mim. Eu gostava mais ou menos que meu pai ficava no sindicato. Era bom, porque ele gostava, ele ia muito para lá, mas fez falta, sentia um pouco a falta dele” (Renato).

“Eu estava com 9 anos e refletia: meu pai chegava meio tenso e não brincava mais e você via que tinha alguma coisa de errado. Ele passava muito tempo fora, estava sempre envolvido com alguma coisa de greve ou o sindicato. Minha mãe parou de trabalhar uma época para cuidar da gente, mas depois ela teve que voltar porque o salário do meu pai não dava mais para sustentar quatro filhos e ele estava em greve direto, era complicado” (Jonas).

No que tange à vivência no bairro, apesar de reconhecerem seus aspectos de precariedade, os jovens entrevistados remeteram-se a recordações bastante positivas, o que os motiva a continuarem em Ferrazópolis, apesar dos problemas concretos, sobretudo a violência e o tráfico de drogas, com os quais convivem diariamente. O tráfico de drogas, atualmente, é tão intenso no bairro que chega a gerar dificuldades de trânsito para os moradores que têm medo de se expor a situações de risco, o que, eventualmente, inibe-os até mesmo de sair de casa em determinados horários, principalmente à noite. No entanto, os jovens possuem um laço afetivo muito forte com o bairro e declaram que graças a esse lugar, com todos seus problemas e suas limitações, ou até mesmo por causa deles, puderam “ser as pessoas que são”, o que pressupõe saber em quais pessoas pode-se confiar ou não, como se conduzir nas relações comunitárias e valorizar a humildade e a dedicação ao trabalho como qualidades fundamentais de toda pessoa (ZALUAR, 1994; SARTI, 2003).

“Bem, eu nasci aqui em Ferrazópolis, um bairro pobre, com gente humilde, onde moro até hoje, e gosto muito daqui. Tem seus problemas, mas eu gosto daqui” (Jonas).

“Sei lá, me acostumei a viver aqui, bom ou ruim é onde eu moro, é onde eu cresci, gosto daqui. Eu nunca fui muito de brincar na rua porque minha mãe não deixava. Às vezes eu ia, mas eu brincava mais com meus irmãos, com meus primos” (Renato).

“Aqui é onde eu moro, eu não trocaria, porque eu moro aqui há muito tempo, sabe? Mas eu gostava assim, de como era antes, acho que antes era até um pouco melhor do que hoje, né? Porque hoje tem gente ruim aqui, hoje tem coisa feia, coisa que não presta, droga, sabe? Bandido... E antes não tinha essas coisas. [...] Eu jogava bola com meus primos, brincava de esconde-esconde, corria e tudo e nunca teve perigo nenhum. Mas hoje, as crianças fazem essas coisas, mas não é recomendável, porque tem muita coisa feia e já teve tiroteio, sabe? E não é bom. Antes todo mundo ficava na rua assim, todo mundo se divertia, ficava nas portas conversando, parecia um interior, sabe? Mas mesmo assim, aqui as pessoas são parecidas comigo, gente mais simples, mais humilde, eu gosto de viver aqui, apesar de tudo” (Rubens).

A simplicidade das pessoas, a humildade e a solidariedade entre os moradores sobressaem nos depoimentos de todos os entrevistados como qualidades indispensáveis à convivência comunitária e como marca das relações entre os moradores do bairro, apesar do aumento da criminalidade na última década, tema também recorrente nas entrevistas. Os vizinhos, em geral, conhecem-se e se frequentam quase cotidianamente, principalmente nas favelas. Não é incomum até hoje que, aos finais de semana, alguns moradores façam festas e churrascos na companhia dos vizinhos, que precisam ser encerrados ao cair da noite por conta dos atos de violência. Assim, o difícil e angustiante convívio com o tráfico, embora não tenha chegado a dizimar algumas práticas comunitárias, as forçou a realizar “adaptações” aos “novos tempos” e aos novos problemas do bairro.

Nas entrevistas foi possível detectar também a percepção dos moradores de que a existência de espaços de lazer, cultura e formação profissional poderia tirar as crianças e os jovens das ruas e, portanto, evitar sua exposição ao tráfico de drogas. Em Ferrazópolis há algumas opções de lazer nas imediações, mas os locais mais frequentados do bairro ainda são os bares, e seu público é formado por moradores de quase todas as idades. No entanto, o fato de o bairro estar localizado relativamente perto do centro da cidade de São Bernardo do Campo possibilita aos jovens a vivência de atividades de lazer e cultura fora de Ferrazópolis, como as promovidas pela Secretaria de Cidadania e Cultura no paço municipal.

Outro elemento que se destaca nos depoimentos é o valor atribuído ao trabalho, que constitui dimensão fundamental do processo de socialização levado a cabo por essas famílias. Ser trabalhador é sinônimo de ser uma pessoa digna e superior àqueles que se deixam levar pela busca por dinheiro fácil e acabam recorrendo a atividades ilícitas (ZALUAR, 1994). Até mesmo as brincadeiras infantis estão atreladas ao trabalho, o que aponta a importância do trabalho na dinâmica familiar e no ethos dos moradores do bairro.

“Nós podíamos brincar dentro de casa, a gente brincava de quem arrumava a casa primeiro, quem chegava primeiro no lixão, quem conseguia levar mais sacos de lixo” (Rubens).

“Eu tinha que ajudar. Minha mãe saía para trabalhar e era eu mesma. Durante o dia, tinha muita criança solta pelo bairro, pai e mãe sempre trabalhando. Às vezes, as mães ficavam em casa para cuidar dos filhos, mas isso não acontecia sempre.

Então eu, como mais velha, ganhei essa responsabilidade de cuidar dos meus irmãos, enquanto minha mãe trabalhava e eu tinha que cuidar da casa. Ela deixava as coisas mais ou menos ajeitadas, mas era eu quem tinha que dar conta de tudo e ainda ir para a escola. E isso atrapalhou, claro. Eu não tinha noção na época, mas era coisa demais para mim” (Valéria).

Desse modo, esses jovens trabalharam desde cedo e eram constantemente incentivados a isso, mesmo que fosse por meio de “bicos”. O que diferenciava as experiências era a divisão de trabalho entre meninos e meninas: normalmente os meninos ajudavam em algum comércio, acompanhavam o pai no trabalho ou ajudavam vizinhos nas construções das casas em troca de qualquer ganho, enquanto as meninas, acostumadas a ajudar as mães nas tarefas domésticas, faziam o mesmo para alguma vizinha ou algum parente que pudesse pagar ou até mesmo em troca de roupas e sapatos.

“Para ganhar algum trocado, a gente às vezes ajudava uma tia que ia fazer faxina em casa de família, íamos junto com ela e ganhávamos algum dinheiro. Às vezes uma vizinha ou mesmo minhas tias que trabalhavam fora, principalmente a tia lone, que trabalhava em firma, precisava que alguém fizesse um bolo, passasse uma roupa e minha mãe sempre falava para a gente ir, e a gente ia, era no quintal de casa mesmo. Elas pagavam a gente com dinheiro para um lanche, uma condução, ou comprava alguma coisa em uma lojinha e dava uma roupa ou coisa assim. Vez ou outra também, quando vinha roupa usada da casa da patroa, elas também pegavam e dividiam com a gente. Era cada um se ajudando do jeito que dava” (Valéria).

“Quando eu era mais novo eu já trabalhava, ajudava o pai no carrinho de cachorro-quente lá em Diadema. Era bom enquanto eu ficava lá com ele pra fazer companhia, não é? Aí ele foi me falando para eu tentar achar alguma coisa para fazer, e lá perto do lugar em que ficava o ponto dele tinha muita gente que parava carro, na rua mesmo. Aí meu pai falou para eu olhar os carros e ganhar o meu dinheiro. Foi um pouco ruim, porque no começo eu tinha vergonha, mas aí depois foi entrando um dinheiro, um ou outro me pagava e eu consegui fazer o meu também, né?” (Rubens).

No que tange às trajetórias escolares, muitos dos jovens do bairro não conseguem concluir a educação básica de maneira regular; entretanto, a maioria dos entrevistados concluiu o ensino médio, ainda que de modo relativamente acidentado. A escolarização de Rubens deu-se de maneira regular, assim como a de seu irmão gêmeo Renato, o que se deve, especialmente, ao fato de eles terem nascido em um momento em que a família tinha melhores condições do que quando se estabeleceram no bairro; assim, os limitados investimentos escolares concentraram-se de forma mais significativa sobre eles, que representavam a “última esperança” da família, apesar dos modestos resultados alcançados.

“Eu tentei entrar no Senai e não consegui, tentei entrar na ETE e não consegui, tentei entrar na Termomecânica e não consegui... e o Camp foi o que deu certo. Acho que não consegui entrar nos outros por pouco... falta de preparo, não sei, acho que devia ter me preparado mais, porque eu acho que sou inteligente, só não consigo, sei lá, canalizar isso um pouco, sou um pouco disperso, estou melhorando isso” (Renato).

Apesar do reconhecimento da importância da escola para realizar a mobilidade social ascendente, os pais de Ferrazópolis, em sua maioria, não conseguiram ampliar a escolaridade dos filhos para além da realização do ensino médio, o que seria comum, por exemplo, entre filhos de metalúrgicos empregados nas montadoras do ABC que, em geral, concluem o ensino superior (TOMIZAKI, 2008). As escolas públicas do bairro passavam e ainda passam pelas mesmas dificuldades enfrentadas nas redes públicas de ensino do nosso país, tais como a falta de professores, a ausência de equipamentos, a deterioração das condições físicas dos prédios, aliados aos baixos salários pagos aos professores e às péssimas condições de trabalho desses profissionais. No que diz respeito à formação profissional, os poucos jovens do bairro cujas famílias possuem mais recursos realizam cursos preparatórios para obterem sucesso na entrada em escolas de renome em ensino técnico; porém, este

não foi o caso dos entrevistados nem é o da maioria dos moradores de Ferrazópolis. Cientes da importância do Senai para a conquista de um “bom emprego” na indústria da região, os pais e/ou irmãos mais velhos estimularam os jovens entrevistados a ingressarem nesses cursos, mas o exame de seleção torna essa formação inacessível a esses jovens. Assim, raramente um jovem do bairro, que não tenha condições de realizar um curso preparatório ou uma vaga garantida em função da empresa em que o pai trabalha, consegue furar o bloqueio do exame e realizar os prestigiados cursos do Senai.

Aos 15 anos, Rubens e seu irmão Renato foram selecionados para participar do Camp. Em geral, os irmãos guardam boas lembranças da passagem pelo curso profissional oferecido pelo Camp, ressaltando o aprendizado da disciplina e o respeito às hierarquias como fundamentais para a entrada no mercado de trabalho. Por meio desse centro de formação, Rubens foi indicado para um estágio remunerado na Toyota, realizando, em parte, o seu desejo de trabalhar em uma montadora, visto que se tratava de uma vaga no setor administrativo. Assim, essa foi sua primeira experiência profissional formal, aos 16 anos.

“Eu fiquei muito feliz, ixé e meu pai então, nem se fala! Lá em casa todo mundo adorou. E tinha ônibus, que levava e trazia! Meu sonho era trabalhar em uma empresa com ônibus fretado... Meus pais ficaram felizes porque era uma empresa grande e tinha um futuro... Eles falavam: ‘nossa! A Toyota e tal...’ E tinha um futuro de poder ser efetivado depois que acabasse o contrato de estágio. O estágio era de um 1 ano e 11 meses com contrato pelo Camp e depois tinha chance de ser efetivado para a produção, né? Lá dentro eu entrei como auxiliar de escritório, mas eu tinha chance de ser efetivado tanto para a produção quanto para o escritório, mas a minha preferência era estar lá junto com os peões, queria ser peão. Trabalhar junto nas máquinas, sabe? Cansar, suar, eu gosto... Mas aí eu aprendi muita coisa, cumpri o trabalho, a melhor coisa que eu fiz da minha vida foi fazer o Camp, que me ajudou em muita coisa. Mas, infelizmente, eu estava trabalhando lá e fazendo a escola, o terceiro ano, e eu relaxei um pouco e repeti, e para ser efetivado tinha que ter o ensino médio completo, e eu relaxei e repeti e não fui efetivado. Eu queria trabalhar lá, ser peão, ficava com vontade de trabalhar que nem eles [os metalúrgicos]. Sempre ficava lá vendo, ficava lá no meio das máquinas” (Rubens).

Durante a entrevista, Rubens ficou muito emocionado ao relembrar do “emprego” na Toyota, que representou a primeira oportunidade concreta de ser empregado em uma empresa metalúrgica, com um salário capaz de garantir seu ingresso no ensino superior. No momento da entrevista, ele havia acabado de concluir o ensino médio, e aguardava ansioso para participar de um novo processo seletivo na Toyota, o que não ocorreu até a finalização da pesquisa, momento em que o jovem declarou ter

percebido que, para além do ensino médio, ele precisava também realizar um curso profissionalizante na área de metalurgia para conseguir ser efetivado na área de produção da montadora japonesa. No período de conclusão da pesquisa, Rubens estava desempregado e enfrentando muitas dificuldades para se recolocar no mercado de trabalho, visto que na região do ABC Paulista o ensino médio completo não chega a caracterizar um “bom nível” de escolarização. Ele vinha se sustentando e ajudando a família com trabalhos temporários em comércios locais.

Diferentemente da experiência do irmão, Renato não conseguiu sequer uma vaga como estagiário de auxiliar de escritório em uma “firma grande” ou em uma “firma metalúrgica”.

“Quando eu estava no Camp, eu queria entrar em uma firma, eu tinha mais ideia de entrar em uma firma e crescer lá dentro, tipo uma metalúrgica, igual ao meu irmão, que conseguiu a Toyota. Acho que ia ser melhor para mim, teria mais opções lá dentro, né? Ia ser melhor para seguir carreira nisso... Seria bem melhor que em *telemarketing*. No Serviço Nacional de Teleatendimento (Senarc) como primeiro emprego [...] não foi tão ruim, a gente trabalhava pouco, o cansaço era mais mental, não era tão legal, porque a gente não fazia tanto esforço físico” (Renato).

A frustração de Renato demonstra que, em função do ideal do trabalho metalúrgico, esses jovens tendem a desqualificar o trabalho fora do setor industrial, assim como as atividades laborais que não cansam fisicamente. A valorização do trabalho metalúrgico está, evidentemente, relacionada também com outros aspectos da condição operária. E, neste sentido, o orgulho dos pais em terem sido metalúrgicos, identidade que reivindicam até hoje, está presente em suas falas e se materializa no desejo de fazer com que seus filhos também o sejam.

“Ensinar os filhos a trabalhar e estudar é tudo o que eu posso fazer por eles. Eu não tenho dinheiro e, até hoje, tudo o que eu consegui foi trabalhando. Não tenho estudo, gostaria que eles tivessem, mas se não estudar, tem que trabalhar. Não pode ficar sem trabalhar. Se eu pudesse escolher, eu queria que meus filhos fossem todos metalúrgicos, até as meninas, mas sei que para elas é mais difícil. Adoraria que cada um deles fosse metalúrgico. Porque ser metalúrgico é muito bom, minha fia! O metalúrgico ele é visto, em qualquer lugar ele é visto! Ele sabe lutar pelos seus direitos. Eu faço de tudo para que meu filho Rubens volte para a Toyota, lá ele pode crescer. Lá é lugar bom de trabalhar” (Geraldo).

Apesar da dificuldade, da precariedade e das possibilidades mínimas de alcançar o

trabalho de seus sonhos, as expectativas de futuro desses jovens giram em torno de aumentar os anos de estudos, cursar o ensino superior e poder ter uma vida mais segura e confortável, por meio de um “emprego melhor”. No entanto, é possível identificar já nesses discursos uma tendência à adaptação aos empregos que lhes parecem “possíveis”, ainda que essa “decisão” passe por um certo nível de decepção.

“Trabalhar bastante, fazer bastante curso, hoje eu trabalho na oficina de estampa de camisetas do meu cunhado, a gente já conversou bastante, já fiz um curso na área, e quero crescer lá dentro, crescer junto com ele. Melhor seria ir para a firma grande, mas acho que não vai dar, ao menos não por enquanto, eu tinha que estudar mais. Acho que eu e meu cunhado temos uma relação bem da hora lá, pretendo crescer na área e ajudar ele, porque ele me ajudou, e ficar muito e muito tempo lá” (Renato).

“De coisas mais concretas eu quero estudar. Na escola entregaram os panfletos de faculdade e eu fiquei arrependido de não ter feito o Enem, e penso no ano que vem de quem sabe fazer alguma coisa, mas alguma coisa concreta, de faculdade... Uma coisa de Informática, Mecânica, coisa de carro eu gosto, uma Engenharia Mecânica estava bom, mas envolve muito cálculo e eu não gosto tanto, mas eu procuro me identificar. Não pretendo esperar pela Toyota o resto da minha vida, mas eu gostei de lá, e enquanto isso eu vou procurar outras coisas. Gostei, mas vou procurar coisas que eu goste. Se eu encontrar, pode ser lá ou não, tenho vontade de trabalhar como peão, mas eu vou procurar gostar da área que eu conseguir e tentar me identificar” (Rubens).

“Bom, eu com muito sacrifício consegui me formar. Tenho curso superior, mas não trabalho na minha área, paciência. Em firma para mim sempre foi difícil, sei que lá tem muitos benefícios, mas sei também que mulher ganha menos que homem. Eu posso tentar conseguir coisas melhores nessa empresa que eu estou, quem sabe? Posso estudar mais e tentar crescer aqui” (Valéria).

Desse modo, esses jovens, cujos pais ainda veneram seu passado operário e a trajetória da categoria metalúrgica no ABC, de luta e combatividade, tiveram sua socialização permeada por uma percepção de que há um “lugar” a ser recuperado no mercado de trabalho, um “lugar” considerado mais digno que outros, cujas vantagens passam tanto por questões concretas, como salários mais altos e melhores condições de trabalho, quanto por questões de ordem simbólica, relacionadas a diferentes aspectos do *status* dos metalúrgicos na região. No entanto, na prática,

eles herdaram muito mais a situação de precariedade e vulnerabilidade da posição social de seus pais (materializadas nas condições de trabalho e moradia destes) do que as possibilidades de, apesar de terem superado a escolaridade da geração anterior, alcançarem o sonho de se tornar metalúrgico. De forma que, suas trajetórias de formação e inserção inicial no mercado de trabalho parecem inscritas em um movimento que oscila entre a adaptação à realidade, aos limites que lhes são impostos por um mercado de trabalho cada vez mais exigente e à necessidade de manter vivos os sonhos de ascensão social formados por seus pais desde o momento em que migraram para o ABC, e que passam a ser seus sonhos também. No entanto, as duas alternativas que parecem se apresentar a esses jovens em termos de projetos de futuro profissional – continuar a perseguir um trabalho como metalúrgicos ou se adaptar aos empregos que têm conseguido acessar – são fortemente marcados por uma sensação difusa de angústia e frustração.

Referências

BAJOIT, G.; FRANSSEN, A. O trabalho, busca de sentido. Tradução de Denice Barbara Catani. Revista Brasileira de Educação, n. 5-6, p. 76-95, 1997.

BALANDIER, G. Préface. In: FERRAROTI, Franco. Histoire et histoire de vie: la méthode biographique dans les sciences sociales. Paris: Librairie des Meridiens, 1983.

BAUDELOT, C. As qualificações aumentam, mas a desigualdade torna-se ainda maior. Proposições, v. 15, n. 2, p. 15-38, 2004.

BEAUD, S. 80% au bac... et après? Les enfants de la démocratisation scolaire. Paris: Éditions la Découverte, 2003.

BEAUD, S.; PAILLOUX, M. Retour sur la condition ouvrière: enquête aux usines Peugeot de Sochaux-Montbéliard. Paris: Fayard, 1999.

____; _____. Violences urbaines, violence sociale: genèse des nouvelles classes dangereuses. Paris: Fayard, 2003.

BERTAUX, D. Les récits de vie: perspective ethnosociologique. Paris: Nathan, 1997.

BOURDIEU, P. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

_____. O senso prático. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. Réponses. Paris: Seuil, 1992.

CARVALHO, M. P.; SENKVICSLL, A. S.; LOGES, T. A. O sucesso escolar de meninas

de camadas populares: qual o papel da socialização familiar? Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 717-734, 2014.

CORIAT, B. Pensar pelo avesso. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

GOMES, J. V. Jovens urbanos e pobres: anotações sobre escolaridade e emprego. Revista Brasileira de Educação, n. 5-6, p. 53-62, 1997.

HIRATA, H. (Org.). Sobre o modelo japonês: automatização, novas formas de organização e relações de trabalho. São Paulo: Edusp, 1993.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico: primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

KIRK, N. Cultura: costume, comercialização e classe. In: BATALHA, C. H. M.; SILVA, F. T.; FORTES, A. (Orgs.). Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas, São Paulo: Ed. Unicamp, 2004.

KOWARICK, L. A espoliação urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. Áreas centrais de São Paulo: dinamismo econômico, pobreza e políticas. Lua Nova, São Paulo, n. 70, p. 171-211, 2007.

MARTINS, H. H. T. S. O jovem no mercado de trabalho. Revista Brasileira de Educação, n. 5-6, p. 96-108, 1997.

_____. O processo de reestruturação produtiva e o jovem trabalhador. Tempo Social, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 61-87, 2001.

MUXEL, A. Toi, moi et la politique: amour et convictions. Paris: Seuil, 2008.

NEGRO, A. L. Linhas de montagem: o industrialismo nacional-desenvolvimentista e a sindicalização dos trabalhadores. São Paulo: Boitempo, 2004a.

_____. Zé Brasil foi ser peão. In: BATALHA, C. H. M.; SILVA, F. T.; FORTES, A. (Orgs.). Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado. São Paulo: Ed. Unicamp, 2004b.

PEREIRA NETO, M. L. A fábrica, o sindicato, o bairro e a política: a “reinvenção” da classe trabalhadora de São Paulo (1951-1964). Revista Mundos do Trabalho, v. 1, n. 1, p. 225-257, 2009.

PEREIRA, M. G. V. Experiências de socialização: o caso de famílias de trabalhadores no bairro Ferrazópolis em São Bernardo do Campo. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008.

RODRIGUES, I. J.; RAMALHO, J. R. (Orgs.). Trabalho e sindicato em antigos e novos tempos produtivos: comparações entre o ABC Paulista e o Sul Fluminense. São Paulo: Anablume, 2007.

SADER, E. Quando novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo – 1970-1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTANA, M. A. Entre a ruptura e a continuidade: visões da história do movimento sindical brasileiro. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 14, n. 41, p. 103-120, 1999.

SÃO PAULO. Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo. Documento de informações sobre os bairros: ano de 1987. São Paulo: Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo, 1987.

_____. _____. Perfil socioeconômico do bairro Ferrazópolis: ano-base 2010. São Paulo: Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo, 2010.

_____. _____. Sumário de dados ano de 2011. São Paulo: Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo, 2012.

SARTI, C. A. A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Cortez, 2003.

SAYAD, A. A imigração. Ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. La double absense: des illusions de l'émigré aux souffrances de l'immigré. Paris: Seuil, 1999.

SPOSITO, M. P. A ilusão fecunda: a luta por educação nos movimentos populares. São Paulo: Hucitec, 2010.

TOMIZAKI, K. Rupturas e continuidades nas relações intergeracionais: o futuro da categoria metalúrgica do ABC Paulista. Caderno CRH, v. 19, n. 46, p. 87-96, 2006.

_____. Ser metalúrgico no ABC: transmissão e herança da cultura operária entre duas gerações de trabalhadores. Campinas: Fapesp, 2007.

_____. Socializar para o trabalho operário: reflexões a partir do caso do “Senai-Mercedes-Benz”. Tempo Social, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 69-94, 2008.

_____. Abordagem geracional no estudo das relações entre família e escola. In: ROMANELLI, G.; NOGUEIRA, M. A.; ZAGO, N. (Orgs.). Família & escola. Petrópolis: Vozes, 2013.

TUMOLO, P. S. Reestruturação produtiva no Brasil: um balanço crítico introdutório da produção bibliográfica. Educação & Sociedade, ano 22, n. 77, p. 73, 2001.

WOORTMAN, K. Casa e família operária. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1982.

ZALUAR, A. A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Recebido em julho de 2015.

Aprovado em outubro de 2015.

Maria Gilvania Valdivino Silva é doutoranda em Educação na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE/USP), atuando na área de Sociologia da Educação. E-mail: <maria.gilvania@gmail.com>.

Kimi Aparecida Tomizaki é doutora em Educação pela Universidade de Campinas (Unicamp) e professora do Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE/USP), atuando na área de Sociologia da Educação. E-mail: <kimi@usp.br>.
